

JEREMIAS PROFETIZA COM GESTOS DE ESPERANÇA – Jeremias 37,11-16

Roberto Natal Baptista

Este ensaio quer estudar as questões referentes ao texto de Jeremias 37,11-16. De certa maneira, o texto é relativamente claro, com exceções de algumas expressões. Porém, o contexto que envolve a acusação e a prisão de Jeremias e os motivos que o levaram a abandonar a cidade em direção às terras de Benjamin são passíveis de maiores definições. Desejamos aqui tratá-las.

Nos textos que tenho escrito, tenho dado algumas explicações sobre os procedimentos adotados. Vou novamente reforçá-los. Neste pouco espaço, desejo que uma tradução alternativa esteja a sua mão. Eu a preparei de uma maneira bastante literal, dando preferência sempre ao texto hebraico e não optando pelas sugestões do aparato crítico. Algumas vezes, o português ficou meio “truncado”. Todavia, preferi deixar dessa maneira. Também achei por bem não escrever palavras hebraicas em seus próprios caracteres. O texto fica um tanto inacessível para quem não domina o idioma. Por último, não quis transliterar palavras hebraicas, pois isso não me agrada. Acho que essas transliterações mais confundem do que ajudam. Opto, portanto, pela palavra em nosso idioma bem identificada por aspas. Sempre que aparecer palavras ou texto sob aspas, estou me referindo à palavra hebraica ou ao texto hebraico em questão.

Desta maneira, sigo quatro etapas. A primeira, a apresentação de uma tradução elaborada, como já disse, com o cuidado de preservar algumas características do hebraico. Num segundo momento, precisamos nos adentrar ao texto de Jeremias aqui estudado. O terceiro passo, o estudo do lugar, é fundamental devido ao contexto que o texto remete. Por último, precisamos valorizar os conteúdos do próprio texto.

1. Tradução

¹¹E aconteceu: ao retirar-se o exército dos caldeus de¹ Jerusalém, diante da presença do exército do faraó, ¹²saiu Jeremias de Jerusalém para ir à terra de Benjamin para participar da partilha de lá, no meio do povo. ¹³Estando ele no portão de Benjamin, ali o chefe de guarda – e o nome dele era Jerias, filho de Selemias, filho de Ananias – agarrou a Jeremias, o profeta, dizendo: “Para os caldeus tu desertas”. ¹⁴Disse Jeremias: “Mentira. Não estou desertando para os caldeus”. Mas, não lhe deu ouvidos. E deteve Jerias a Jeremias e o fez chegar aos chefes². ¹⁵Os chefes estavam irados contra Jeremias. E golpearam-no e o colocaram [na]

1. Literalmente: “de sobre”!

2. Ou: “oficiais”.

casa da prisão, casa de Jônatas, o escrivão, porque a haviam transformado em casa de prisão.¹⁶ Eis! Entrou Jeremias na casa da cisterna, nas abóbadas. E lá permaneceu Jeremias, muitos dias.

2. O texto

Estamos diante de um relato da prisão de Jeremias, por ocasião do cerco dos babilônios em Jerusalém. Trata-se de uma narrativa. Assim se percebe pelo seu estilo linear, sem as características repetições que compõem a poesia.

Inicia-se dizendo de um acontecimento, “aconteceu”. Este “aconteceu” quer indicar todo o episódio presente aqui. Ele remete para o que está perto: “ao retirar-se...” para o que está um pouco mais adiante: “saiu Jeremias...” como para o que está mais distante: “estando ele na porta de Benjamin...”, “estavam irados os chefes sobre Jeremias...”, “e permaneceu lá, Jeremias, muitos dias”.

O começo quer nos ajudar a situar a ocasião do “aconteceu”: “ao retirar-se” diz respeito a um *levantar-se*, numa ação de recuar, de levantar acampamento desde Jerusalém, diante da chegada de uma força inimiga. Esta primeira frase, “ao retirar-se... da presença do exército do faraó” permite que Jeremias “saia” de Jerusalém. O profeta saiu aproveitando o recuo do exército caldeu. Foi até a terra de Benjamin, aliás, de onde ele provém, de Anatot, onde moravam seus familiares. O final do v. 12 explica a finalidade de sua visita às terras de Benjamin, ‘participar da partilha’. Tratava-se de “realizar a partilha de uma herança”³. Parece também importante o que segue: “no meio do povo”. Se realmente for a partilha de uma herança, o texto reforça que ela acontece “no meio do povo”. É ali que se resolvem questões de herança.

O v. 13 inicia dizendo que Jeremias, ao sair de Jerusalém, passando pelo portão de Benjamin, encontra ali o “chefe da guarda”. Este termo aparece só aqui no Primeiro Testamento, e parece significar mais que uma simples sentinela. Em seguida cita o seu nome, Jerias, e menciona parte de sua genealogia. Não é um guarda babilônico e nem egípcio, mas alguém da própria gente. Jerias agarrou e acusou Jeremias de “desertar” para junto dos babilônios. O verbo no seu significado literal diz “cair”, parecendo ter um sentido de abandonar a cidade junto com o exército caldeu. Jeremias se defende dizendo ser mentira essa afirmação. Ocorre uma discussão entre o “chefe da guarda” e Jeremias. Seus argumentos não são ouvidos, e Jerias “deteve” a Jeremias e o “fez chegar” na presença das autoridades locais, os “chefes”, os “oficiais”.

Em seguida, a reação dos “chefes” é de extrema violência contra o profeta (v. 15). Eles “golpearam”, isto é, bateram para que Jeremias ou morresse ou ficasse muito ferido. Não se trata apenas de uma punição ou de um açoitamento. O verbo “golpear”, ainda mais no *hifil* hebraico, reforça a intensidade brutal da ação. Veja também os v. 18 e 20, onde o próprio Jeremias diz que sua presença ali naquela prisão era para a sua

3. Ernst Jenni e Claus Westermann, *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*, Salamanca: Cristiandad, vol.1, p. 802.

morte. Após ser golpeado, Jeremias é levado a tal prisão, uma casa, de Jônatas, transformada em prisão, em confinamento.

Embora “eis”/“pois” possa ser usada muito comumente como interjeição, para nos chamar à atenção, aqui, neste nosso v. 15, parece reforçar uma conclusão do todo que “aconteceu”. Por isso optei por traduzir a palavrinha hebraica em questão por “portanto”. Assim, Jeremias é levado à prisão. Não está claro ainda o tipo de prisão, em qual Jeremias ficou. Em nosso último versículo se diz que Jeremias entrou na “casa da cisterna”. Esta teria sido uma cisterna em uso como prisão? A segunda expressão, “nas abóbadas” também só ocorre aqui no Primeiro Testamento, e dificulta sua definição. Parece ser um dos arcos ou “abóbadas” da casa da cisterna. A Septuaginta apenas translitera a palavra hebraica. A Vulgata utiliza a palavra *ergastula* “abóbada”. De qualquer maneira, parece se tratar de um tipo de cela.

37,11-16, finalmente, parece ser um texto bem construído. Característico é que em seu final aparece a frase “e lá permaneceu Jeremias, muitos dias”, marcante também no final de outras unidades menores de nossa história maior.

3. Contexto

A crítica literária tem se dividido ao longo do tempo sobre a autoria desta porção. Muitos autores apontam para Baruc como autor. Sigmund Mowinckel afirma que se trata de um escriba, provavelmente no Egito, após a morte de Jeremias. Outros ainda afirmam ser obra de um “círculo de tradicionalistas”⁴. No entanto, queremos seguir as propostas de William Holladay, que afirma não haver razão para negarmos que este material seja de Jeremias.

Ele, juntamente com Baruc, poderia ter escrito nos dias após a chegada com o grupo a Táfnis, segundo o mesmo autor, em 586 aC.

Judá vem vivendo um período de turbulência desde Amon (642 aC). E agora, no final, sob Zedequias (586 aC) e diante da queda e destruição de Jerusalém, as dores são ainda maiores. Jeremias acompanhou e sofreu em meio a todos esses períodos. Desde Anatot, de onde ele vem, Jeremias aprendeu sobre a destruição que os assírios fizeram ao Reino do Norte anos atrás, em 722 aC. Agora em direção a Jerusalém, sua profecia denuncia e declara juízo, desde as suas primeiras declarações (veja, por exemplo, Jr 2,2.35-37).

37,11-16 aponta para um momento histórico muito importante e específico. Reis como Josias e Joacaz haviam tentado trilhar por novos caminhos. Mas Joaquim e Sedecias ainda vieram aprofundar a crise, ao se oporem aos babilônios. Os senhores de Jerusalém pensam ser possível enfrentar a Babilônia, ainda que esta já tivesse deportado parte do povo de Jerusalém e Judá em 597 aC. E Sedecias, último rei de Judá, continuou a fazer oposição aos babilônios; cria, ingenuamente, que os egípcios lhe viessem

4. Para ver um resumo dessas propostas, veja: William L. Holladay, *Jeremiah 2 – A Commentary on the Book of the Prophet Jeremiah Chapters 26-52*, Philadelphia: Fortress Press, vol. 2, 1986, p. 286-287.

em apoio. Mas não foi o que sucedeu. Sedecias se rebelou contra os babilônios, mas ninguém lhe veio em ajuda decisiva. Os egípcios pareciam vir apoiá-lo, mas enfim também o deixaram a sós diante dos babilônios.

Foi o fim de Jerusalém. O exército babilônio avança promovendo novamente o sítio definitivo de Jerusalém. Encontramo-nos nestes dias finais de Jerusalém. A cidade está sob a direta ameaça babilônia, mas sua elite militar ainda crê em poder resistir, para não ter que submeter-se aos senhores da Mesopotâmia. Por isso, preparam-se para lutar contra os babilônios e tratam de reprimir todas as vozes, como a de Jeremias, que nega qualquer chance para quem resiste aos babilônios. As dores do profeta lhe advêm desta sua posição, contrária a dos chefes no estado.

4. Os conteúdos – “e lá permaneceu Jeremias, muitos dias”

Podemos passar agora aos conteúdos a que o texto de Jeremias nos remete. Trata-se aqui, após 37,1-10, de uma segunda má experiência de Jeremias com as autoridades em Jerusalém, em seus últimos dias, antes da destruição em agosto de 587 aC. Jerusalém está cercada, mas ainda pensa poder resistir ao poderoso exército babilônio. Neste ambiente de conturbações, Jeremias cai em desgraça diante dos “chefes” ou dos “oficiais”. É perseguido e preso: “e lá [na prisão] permaneceu Jeremias muitos dias”.

O começo da nossa cena já parece nos mostrar com clareza que a saída de Jeremias de Jerusalém dependia do afastamento do exército babilônio que sitiava a cidade. Antes de verificarmos o que Jeremias iria fazer exatamente nas terras de Benjamin, gostaria de esclarecer os motivos da acusação sobre Jeremias e sua prisão. Ele, de fato, parecia também estar retido em Jerusalém, a ponto de não poder sair da cidade com o risco de enfrentar a presença do exército inimigo. Já fora acusado de alta traição, ou seja, de ser alguém que parecia apoiar a presença babilônia ali em Judá.

Jeremias foi um profeta que anunciou a queda de Jerusalém e criticou o Egito (Jr 2,18.35-37; 46,13). Anunciou o juízo de Deus através dos babilônios. Ele pede ao seu aluno e amigo Baruc (Jr 36) que lesse a mensagem no templo – já que o próprio Jeremias estava impedido de falar. Em conseqüência, Joaquim, rei de Judá, queimou o rolo e mandou prender Jeremias e Baruc. Protegidos por algumas pessoas, os dois escaparam da prisão vivendo na clandestinidade. Em ocasião ao primeiro cerco babilônio em Jerusalém, a mensagem de juízo de Jeremias é intensificada: “paz, paz; quando não há paz” (8,11). No entanto, mais tarde, quando o exército babilônio recua diante da chegada de forças do Egito, Jeremias é acusado de alta traição e jogado numa cisterna para que ali morresse. Jeremias permaneceu preso até depois da queda de Jerusalém. Porém, já em Jr 37,17-21, vemos que, por várias vezes, Sedecias chama Jeremias para consultar a palavra de Javé. Numa dessas ocasiões, Jeremias novamente é preso e agora lançado num poço lamacento. Logo em seguida, o livro esclarece quem o libertou. Justamente um escravo, Ebed-Melec, intercede e o liberta deste poço para que o profeta não morra de fome.

Outra questão interessante e bastante inquietadora, em nossa cena, é o motivo da saída de Jeremias de Jerusalém até às terras de seus familiares. O que Jeremias fora fa-

zer ali exatamente? Se, por acaso, se tratasse de uma herança familiar de terras, não parece um momento inadequado para se lidar com tais questões visto a iminente queda de Jerusalém? Nosso profeta não tinha descendência e ele anunciara um período de domínio babilônio sobre Judá: portanto, qual o motivo do seu interesse pelas terras de sua família?

Bem, inicialmente, deve-se lembrar que as expressões do v. 12 – “para participar da partilha de lá, no meio do povo” – têm gerado alguma dificuldade de interpretação. Não se trata de um texto fácil. A compreensão, no contexto todo de invasão e da iminente destruição de Jerusalém, parece apontar que Jeremias tinha negócios pendentes nas terras de sua família. Não há surpresas quanto a isso. Em Jr 32 narra-se o episódio da compra de um campo por herança:

“Disse, pois, Jeremias: Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Eis que Hanameel, filho de teu tio Salum, virá a ti, dizendo: Compra o meu campo que está em Anatot, pois a ti, a quem pertence o direito de resgate, compete comprá-lo. Veio, pois, a mim, segundo a palavra do Senhor, Hanameel, filho de meu tio, ao pátio da guarda e me disse: Compra agora o meu campo que está em Anatot, na terra de Benjamim; porque teu é o direito de posse e de resgate; compra-o. Então, entendi que isto era a palavra do Senhor” (Jr 32,6-8).

Hanameel procurou Jeremias preso em Jerusalém, provavelmente, porque o profeta não conseguira chegar até Anatot, como era a sua intenção. Enfim, Jeremias seguia uma ordem de Javé. Realizava uma tarefa. Mais do que apenas negociar as terras, o profeta queria deixar *testemunho de esperança ao povo*. Ele pede que os contratos sejam colocados dentro de um vaso de cerâmica para que se conservem por mais tempo (Jr 32,14). E enfatiza que “diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Ainda se comprarão casas, campos e vinhas nesta terra” (v. 15).

Em momentos de crise, gestos falam mais que palavras. Jeremias, para além de todas as palavras que ainda hoje guardamos e lemos com muito cuidado, nos deixa um legado de desprendimento, de ousadia: um gesto de esperança e paz, no meio da guerra.

Mas, os chefes e oficiais de Judá não eram em nada simpáticos ao profeta. Antes o prenderam. Aumentaram seus sofrimentos. Cada passo dado pelo profeta naquela Jerusalém cercada e diante de seu próprio fim aumenta-lhe as dores, estando em perseguição, tortura e prisão. O profeta de Deus – um sofredor! É assim que nosso trecho de 37,11-16 vê a missão profética, uma missão de sofrer com seu povo os sofrimentos que sobre todos se abate, por ocasião da queda de Jerusalém.

Roberto Natal Baptista
Rua Verbo Divino, 392
Granja Julieta
São Paulo/SP
04719-001

emailroberto@oi.com.br, emailroberto@ibest.com.br